

DO PARAGUAI

R u b e m      B r a g a

A última vez que peguei da pena foi para <sup>halar</sup> falar de tristezas do Brasil, dessa gente humilde de Minas que a desgraça feriu tão duramente. Venho hoje falar de outros desgraçados. São também nossos irmãos, e não tão distantes que não cheguem até aqui os gritos de sua dor.

É do Paraguai que me vem esse apêlo, em folhas de papel que parecem amarfanhadas pelo desespero das mãos que as escreveram. Esses papéis trazem uma denúncia dolorosamente grave. Cumpro o meu dever transmitindo-a. Esperarei depois que os responsáveis digam se tanta miséria é invenção dos demonios ou a triste realidade da torpeza humana. Se abro crédito a esse desespero é porque sou um jornalista de um país em que não se tem o direito de duvidar dos extremos de estupidez e crueldade a que podem descer os homens quando não se querem apagar do poder. A crueldade nojenta dos carrascos do Estado Novo, protegidos pelo sorriso frio do mais cínico dos ditadores, ensinou-nos que essas fantasias de cérebros doentes, essas torturas de pesadelo que nenhum Kafka ousaria sonhar são também realidades sul-americanas.

O Paraguai é atualmente governado por um intelectual que se chama Natalício Gonzalez. Esse homem, que era ministro de Morínigo, e seu candidato à presidência da República em uma eleição em que um só partido pode votar, teve de alijar o ditador que o protegera para que pudesse realmente subir ao poder. De sua inteligência e de sua cultura muitos esperavam alguma coisa; agora nos vem esta afirmação sinistra: "é pior que Morínigo".

Os documentos são atrasados - de agosto e setembro. Os paraguaios exilados são calculados em 100 mil, e os presos políticos em 2.000. A cadeia pública de Assunção, feita para comportar no máximo 250 presos, está com mais de 1.000, dos quais 600 são

presos políticos . Os outros estão espalhados pelos cárceres de Villa Rica , Concepción , Pilar e Encarnacion e nas prisões militares de Penha Hermosa e Assunção . As mulheres estão recolhidas ao Cárcere "Bom Pastor" .

É do fundo da Cadeia Pública de Assunção que vem o apêlo . Ele é assinado por homens de muitos partidos - de todos , menos o Colorado - e das mais várias profissões . Fala da imundície do cárcere , onde a tuberculose e a pneumonia fazem um trabalho sinistro . Os presos mais pobres dormem no chão e passam fome ; o Estado não dá remédios nem assistência médica . Os agonisantes são mandados para o Hospital da Polícia , onde acabam de morrer . Os que enlouquecem de sofrimento e desespero são deixados ali mesmo .

E cresce a lista macabra dos assassinados pela Polícia dentro da prisão : Alberto P. Candia , torturado durante vários dias ; o estudante Humberto Garcete , abatido a tiros de metralhadora na cabeça ; Corazón Chamorro , que depois de baleado foi posto a morrer numa célula onde não podia ver ninguém nem receber qualquer alimento ... E à mingua de qualquer socorro médico : Pedro Nogueira , de 58 anos , e Bruno Martinez , de 36 anos , agricultores , mortos de pneumonia ; Pedro Rojas , de 34 anos e Guillermo Gonzalez , de 28 anos , operários , mortos de tuberculose . Nomes de trabalhadores , advogados e professores aparecem entre os moribundos . Casos de crueldade e covardia são narrados . A humilhação das famílias , que têm de esperar horas a fio , ao sol ou à chuva , nos dias de visita , para ver seus presos durante três minutos ; as mulheres visitantes sendo ignominiosamente revistadas por duas protistutas , até que o padre Talavera saísse da Catedral para ir protestar .

Uma comissão que foi de Buenos Aires levando remédios , roupas e alimentos para os presos não conseguiu quarto em nenhum hotel de Assunção e tudo o que levava foi tomado pela Polícia , que obrigou todos a regressar pelo primeiro avião . Esses homens contaram em Buenos Aires o que lhes sucedeu : são o deputado peronista Ernesto Cleve , o democrata Iturraspe , o advogado da Liga pelos Direitos do Ho-

mem , Federico Mayor , o estudante Bordón representando o magistério uruguaio . Natalício Gonzalez havia dito que não havia presos políticos no Paraguai ; apenas presos comuns , e estes eram muito bem tratados , não precisavam de comida , nem roupa , nem remédios ...

Já está longa esta crônica . Não tenho nenhum elemento para apurar a verdade dessa denúncia . Tenha a palavra o embaixador do Paraguai - e diga-nos que isso é mentira , e que qualquer jornalista pode ir lá ver livremente o que acontece , que tudo é apenas um pesadelo de algum paraguaio impressionado com nossas histórias do tempo de Getúlio e de Felinto ...

\* \* \*